https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/atafona/

**Atafona: cartografias, arquivos e imaginários da terra em erosão**

Emanuella Pessanha da Rocha Pereira [1]

Yasmin Vitória Barreto Lima[2]

Carlos Abraão Moura Valpassos[3]

NAIDIN, JULIA (Org.) ; CODEÇO, FERNANDO (Org.) **. Atafona: cartografias, arquivos e imaginários da terra em erosão**. 1. ed. Maricá e Niterói: Instituto Grão e LABAC-UFF, 2025. v. 1. 158p .

---

Esta resenha apresenta o livro “Atafona: Cartografias, arquivos e imaginários da terra em erosão”, (2025) organizado por Julia Naidin (UENF) e Fernando Codeço (BCB). O volume possui oito capítulos, reunindo 16 pesquisadores de diferentes áreas: sociologia, história, filosofia, antropologia, engenharias, arte e dança, reúne eixos temáticos relacionados à erosão costeira, às transformações territoriais, à memória, aos arquivos e aos imaginários da paisagem. Articula cartografia, fotografia, artes visuais, práticas etnográficas e experimentações artísticas como formas de registro, investigação e elaboração sensível das ruínas, dos deslocamentos e das relações territoriais e culturais. Essa multiplicidade de perspectiva se justifica pela complexidade do objeto em estudo: Atafona, um distrito localizado na cidade de São João da Barra, no norte do estado do Rio de Janeiro. Atafona representa em sua paisagem o que podemos pensar como efeitos da emergência climática, uma vez que o lugar vivencia um intenso processo erosivo, o que fez com que centenas de casas fossem engolidas pelo mar.

O primeiro capítulo trata da formação geológica do território. Nele, Soffiati (2025, p. 8) apresenta a história da formação da região. Segundo ele, a erosão que ocorre na Praia de Atafona não é um caso isolado. O fenômeno da erosão é corriqueiro na costa entre o Estado do Espírito Santo e a Região dos Lagos. Sendo considerada uma nova costa. Em termos geológicos, Atafona é baixa,

desprovida de pedra e varrida pelo bravo mar e por ventos fortes. Mesmo com a erosão "natural", o fenômeno foi acentuado após várias ações antropocêntricas, como o assoreamento, barragens, construção de um enrocamento e a grande transposição de 2⁄3 do rio Paraíba do Sul para o sistema híbrido de Guandu para abastecimento da cidade do Rio de Janeiro e áreas periféricas.

Enquanto Soffiati nos mostra as raízes históricas do problema, Ribeiro et al. (2025, p.19) traz para o debate as intervenções contemporâneas que intensificaram esse processo que se somam às ações apontadas por Soffiati. De acordo com Ribeiro et al. (2025, p.19), a CIPA (Complexo Industrial Portuário do Açu) traz esperança para o desenvolvimento regional e preocupações sobre as consequências ambientais. Segundo os autores, a CIPA é o principal agente antrópico que vem alterando expressivamente os ambientes costeiros locais como manguezais, rios, canais e lagunas. A pesquisa se dedica a conhecer as alterações nos cenários locais, utilizando imagens de alta resolução entre os anos de 2012 e 2013. Através dos dados coletados, percebeu-se que a área ocupada dita "urbanizada" corresponde ao distrito do Açu, próximo a um manguezal exuberante e à Lagoa do Salgado, já sofrendo por anos com a supressão da vegetação nativa da restinga, o que ocasionou a criação de dunas artificiais. Ribeiro et al. concluem que muitos aspectos sociais ainda não foram tratados completamente. E destacam que as ciências têm buscado diálogo com essas questões, refletindo sobre os usos complementares para que esses conhecimentos possam dialogar localmente, permitindo uma visão ampla de situações concretas, assumido contornos significativos.

É justamente essa dimensão humana e simbólica que Pitrez explora no capítulo 3, quando reflete sobre os tempos de calmaria e de agitações em Atafona. A autora inicia seu trabalho dizendo que cada paisagem carrega relações naturais e sociais. Na praia de Atafona se encontra a foz do Rio Paraíba do Sul, sendo o encontro das águas doces e salgadas. Uma marca da relação naturalística que compõe a identidade, o cenário se torna o segundo plano, às vezes o principal, das relações sociais na região. O recuo do rio e, por consequência, o avanço do mar, se apresenta como uma dança marcada por um compasso em que os moradores ficam atentos para eles mesmos se moverem. As ruínas dos edifícios marcados pela força do passo da onda é deixada nas areias, segundo o que a autora chamou de ritmanálise dos saberes das águas - baseada em Krenak (Pitrez apud Krenak, 2025 p.57). Os observadores atentos aos movimentos aquáticos são compostos por pescadores, presentes desde 1868, e veranistas oriundos do município vizinho, Campos dos

Goytacazes. A autora ressalta que essa dinâmica da ocupação da praia é vista também pela percepção do tempo em Atafona, onde os veranistas chegam no início do ano, em suas férias, e a região se "alvoroça" e no resto do ano se perpetua a calmaria social. Esse movimento também se repete nas águas no avanço e recuo do mar. Por fim, a autora afirma que a paisagem de Atafona é marcada pelo emaranhado dos relacionamentos, tendo contrastes entre moradores e veranistas que observam o ritmo das águas, pois segundo eles "o mar quer tomar o que é dele". Se Petriz observa a dança das águas, Codeço (2025, p. 71) no capítulo 4 leva essa discussão para um plano mitopoético [i], transformando a erosão em narrativa histórica.

Segundo essa fala, Codeço (2025, p 71) cria uma ficção histórica partindo do massacre do povo originário Goytacá, trazendo um contraponto da história das invasões coloniais no litoral Norte Fluminense, utilizando a metáfora da erosão como o naufrágio da terra firme. Nessa virada narrativa, o fenômeno geológico ganha dimensão de alegoria histórica. Codeço propõe um exercício de recriação fabulatória da própria história onde o naufrágio da terra, no avanço do mar, como castigo divino pela transgressão cometida pela invasão do espaço que não tem concedido habitar, sendo então sua fábula a erosão como vingança canibal ambiental chamada de ecofagia[ii] marinha.

Enquanto Codeço traz as ações naturais como protagonistas, no capítulo 5 Cunha e Valpassos (2025, p. 91) falam sobre a crise ecológica que surge das ações antrópicas no Rio Paraíba do Sul e também destacam como o mar avança progressivamente, engolindo as casas de veraneio e deixando um rastro de destruição na paisagem costeira. Para os autores, esse fenômeno é como uma fissura no tempo que conecta presente, passado e futuro, um fluxo incessante de mudanças rápidas que transformam o ambiente, criando uma estética apocalíptica que evoca o fim do mundo. Os autores citam a questão do colapso climático na era pós-moderna, dando enfoque para Atafona e tecendo reflexões acerca da esfera habitacional, econômica e social. Além disso, eles exploram de maneira sucinta como as relações topofílicas são alteradas pela transformação dos meios de sociabilidade e como este fenômeno atravessa psiquismo das pessoas, ressaltando como o sentimento de pertencimento a um lugar molda as subjetividades e as dinâmicas de ocupação nesse cenário. Os pesquisadores expõem: "As ruínas de Atafona realizam dialeticamente ao mesmo tempo os processos geológicos acelerados e as marcas da civilização urbano-industrial, um palimpsesto temporal onde se inscrevem as contradições do nosso tempo" (CUNHA; VALPASSOS, 2025, p. 104).

Assim como Cunha e Valpassos, no capítulo 6, Macalli (2025, p. 106) aponta que a erosão não é só um evento natural, também consiste no resultado de problemas ambientais e falta de ação do governo. Em vez do termo migração, o texto sugere usar o deslocamento ambiental para ressaltar como as pessoas reagem de maneiras diferentes, desde reconstruir suas casas perto e até lutar para ficar no mesmo local. Macalli (2025) através de seus escritos mostra, pelas histórias de vida, que a destruição das casas deflete em sentimentos, identidade e memória. Os moradores perdem o senso de lugar, o emprego e as lembranças. O autor fala que Atafona mostra uma das piores situações de erosão costeira no Brasil. O mar avança de forma voraz, uns cinco a sete metros por ano, acabando com ruas, casas e os lugares onde as pessoas se encontram. As histórias mostram diferentes reações: uns mudam de casa ali perto, outros refazem seus negócios à beira da praia, outros se mudam para lugares distantes e alguns enfrentam as ondas. Essas narrativas mostram que os habitantes perderam amigos, a comunidade ficou mais fraca e a vida ligada ao mar e à pesca está em declínio. O autor ressalta que a prefeitura de São João da Barra só criou um plano de ajuda em 2012, depois de anos de destruição. A demora, a falta de diálogo e a ajuda, que não resolve, fazem com que as famílias fiquem ainda mais vulneráveis.

No tempo que Macalli traz a crítica sobre a falta de ações governamentais atualmente, no capítulo 7, Medeiros e Nahara (2025 p.125) apontam a questão de poder desde o período colonial. O racismo e a ideia de um único deus ajudaram a ferir os direitos dos povos indígenas e a prejudicar o meio ambiente no Brasil. Os autores usam o Rio Paraíba do Sul e Atafona como exemplos de lugares permeados por essa lógica.

Ao analisar a pintura Mulher Tupinambá de Albert Eckhout, os autores mostram como a arte e os mapas da época faziam parecer que os brancos eram superiores, transformando as pessoas e os rios em coisas e enfatizando a objetificação dessas existências. O texto argumenta que a crença no monoteísmo e na forma ocidental de ver a história ajudou a criar uma cultura que justifica a destruição do meio ambiente e a exploração dos parentes-rios e florestas. Eles comparam o período atual com a ideia de supremacia branca, e defende que devemos considerar os rios como parte da nossa família e mudar urgentemente a forma como tratamos a natureza. Os autores ressaltam que o Ocidente e essa cosmologia colonial parecem viver de criar problemas, que agora estão piores. Essa onda de destruição é tão grande que os geólogos estão chamando de Antropoceno[iii], mas de acordo com Medeiros e Nahara (2025) a humanidade toda não é a culpada. Segundo as ideias apresentadas, essa força destrutiva vem daqueles que tratam a vida

como algo para ser explorado, que inventaram o racismo e decidiram quem pode viver e quem deve morrer, o que Mirzoeff chama de cena da supremacia branca. O texto junta essa forma de dominação com a crise climática que vemos hoje, como os incêndios, tempestades, inundações e o mar engolindo lugares como Atafona.

Enquanto Medeiros e Nahara (2025) tecem uma crítica à narrativa colonial, no Capítulo 8, Naidin e Teixeira (2025) trazem a perspectiva local, ressaltando o patrimônio cultural em Atafona, utilizando a erosão como uma metáfora. A CasaDuna em colaboração com a UENF (Universidade Estadual Norte Fluminense) é um projeto que usa métodos de pesquisa em arte contextual e museologia social. O texto mostra uma relação entre a erosão e a perda de memória e registros, as autoras sugerem formas de lidar com arquivos e a ideia de transfluência (Naidin e Teixeira apud Nego Bispo p.145), que mudam a forma tradicional de preservar, aceitando a destruição e o esquecimento como criadores de novas memórias e identidades na comunidade (Naidin e Teixeira apud Nietzsche p.140).

O (An)arquivo[iv] de acordo com Naidin e Teixeira (2025 p.144) aparece como uma forma diferente, criativa e sentimental de dar valor a coisas que não foram registradas. Ele incentiva a criação de mapas que mostram os sentimentos das pessoas, a mudança de formatos (como fotografia, filmes e peças de teatro) e a reorganização da vida da comunidade. Desse jeito, a destruição e o esquecimento não são só coisas ruins, mas, sim, um jeito de estimular a criação, a memória de todos e a identidade local. O projeto mostra que um arquivo pode ajudar a cultura ao articular todos esses campos do conhecimento em partilha com a comunidade, o ensino e a sociedade, permitindo que as pessoas da comunidade mudem suas histórias e seus laços em face aos problemas estruturais.

O livro propõe uma passagem nas fronteiras entre território, memória e arte. Ao reunir vozes, imagens e gestos que emergem das margens físicas e simbólicas, a narrativa se afirma como um exercício de resistência. As erosões aqui mapeadas não são apenas geográficas, mas também afetivas, culturais e políticas; falam do que se perde, mas também do que persiste. Nesse sentido, convida o leitor a repensar as formas de habitar o mundo em meio às crises contemporâneas, a perceber o movimento da vida que se refaz entre ruínas e a reconhecer a potência da arte e da escrita como modos de sustentar o sensível. Ao final, o que se desenha é cartografia viva, inacabada, onde erosão e criação demonstra que toda perda também pode ser um princípio de reinvenção.

**Bibliografia (não usar o título “Referências” e apresentar a bibliografia conforme as normas da ABNT)**

NAIDIN, JULIA (Org.) ; CODEÇO, FERNANDO (Org.) **. Atafona: cartografias, arquivos e imaginários da terra em erosão**. 1. ed. Maricá e Niterói: Instituto Grão e LABAC-UFF, 2025. v. 1. 158p .

*Recebido em: 15/02/2026*

*Aceito em: 15/10/2026*

---

[1] Emanuella Pessanha da Rocha Pereira – Mestranda no curso de políticas sociais da UENF

[2] Yasmin Vitória Barreto Lima – Mestranda no curso de políticas sociais da UENF

[3] Carlos Abraão Moura Valpassos – Prof.Dr. do departamento de políticas sociais da UENF

Notas de fim: O termo mitopoese vem do grego helenistico muthopoïθείς (μυθοποίησις), que significa 'criação de mitos', uma alternativa é mitopoética, termo vernacular com o mesmo significado.

[ii] A ecofagia é um processo de "arte ambiental canibal" ou "erosão marítima", onde o oceano desgasta, transporta e sedimenta rochas e solos litorâneos.

[iii] O Antropoceno é um termo científico proposto para descrever a época geológica atual, caracterizada pelo impacto profundo e avassalador das atividades humanas sobre o ecossistema e a geologia da Terra. O termo foi cunhado pelo biólogo Eugene Stoermer na década de 1980, mas popularizado mundialmente pelo químico e vencedor do Prêmio Nobel, Paul Crutzen, no ano 2000. Em 2024, a Subcomissão de Estratigrafia (chanceladas pela União Internacional de Ciências Geológicas, IUGS) rejeitaram formalmente a proposta de instituir o Antropoceno.

[iv] Conceito aplicado no projeto de Atafona, com a finalidade de transformar a ideia tradicional de arquivo. Um jeito de cultivar memórias através de narrativas orais da população local.